



Manifesto de Neuroestética Ativista

Warren Neidich

Tradução de Ana Beatriz T. D. Duarte

Doutoranda no Programa de Estudos Contemporâneos da Universidade de Coimbra.

Mestre em História e bacharel em Comunicação.



1. Toda pessoa no planeta Terra tem o direito de desenvolver plenamente seu potencial de plasticidade neural. Este Manifesto da Neuroestética Ativista é um chamado às armas contra a otimização neural artificial. A neuroestética ativista pretende produzir entidades singulares plenamente desenvolvidas, constituindo uma multiplicidade cujas diferenças na arquitetura neural (a diversidade neural) são acolhidas e promovidas como uma forma de poder autônomo coletivo. A neuroestética ativista defende a ideia de que artistas e profissionais da arte desempenham um papel fundamental nesse processo.

2. A plasticidade neural é uma característica humana com um potencial ilimitado.

Trata-se dos modos e dos meios pelos quais a estrutura e a função do cérebro são modificadas pela experiência ao longo da vida — com maior intensidade durante a juventude. Esse processo modifica a materialidade do cérebro, tanto a massa cinzenta, formada por neurônios e seus dendritos, quanto a massa branca, formada por feixes de axônios mielíticos chamados tratos. A plasticidade funcional e estrutural decorre da educação e da experiência cotidiana, mas também, como chamam a atenção evidências recentes, pode ser induzida por lesão ou pelo aprendizado de novas habilidades.

A neuroestética ativista abraça a plasticidade neural como uma ferramenta política e um meio para a mudança, a resistência e a emancipação contra as forças do capitalismo neural, que visa a normalizar a plasticidade imprimindo seu potencial em um suporte externo flexível e de fácil controle. Como afirma Catherine Malabou: “A flexibilidade é a plasticidade sem sua genialidade.” Enquanto a flexibilidade fomenta a submissão ao poder, por assumir sua forma sem a questionar, a plasticidade o refuta, uma vez que inventa e cria suas próprias formas, para além dos aparatos e dispositivos normalizadores criados por poderes soberanos.

3. O cérebro é uma interface plástica e variável, formada por populações adaptáveis de elementos neurais, além de potenciais sinapses, indeterminadas e instáveis. De acordo com o neurocientista Gerald Edelman, essa configuração do material neural se

constitui em nosso repertório primário, presente no momento do nascimento, e se transforma em repertório secundário a partir de nossa interação com a matriz sociopolítico-cultural em permanente evolução. Por ter sido pianista, Edelman usa a palavra “repertório” como uma metáfora bastante útil para se pensar o atual momento, de um capitalismo cognitivo em que o trabalho material é substituído pelo imaterial. O trabalho imaterial e o virtuosismo são agora os moduladores mais importantes das potenciais relações neurais. Nesse sentido, na lógica sináptica neural do devir mente-cérebro, as relações imateriais se tornam materiais.

É na variação e no ruído apresentados pelo sistema nervoso que reside sua capacidade de liberdade e emancipação contra as novas formas hegemônicas de governo digital, chamadas de “statisticon”. O statisticon é o exemplo mais recente de uma forma de poder e regulamentação governamental que ofusca o que Michel Foucault chamou de “poder disciplinar” e que Gilles Deleuze nomeou de “sociedade de controle”. Como o nome indica, o statisticon está relacionado com as regularidades funcionais encontradas nos dados — especialmente os produzidos pelo Big Data. À nova forma de vigilância gerada por ele, Shoshana Zuboff chamou de “o grande outro”.

O ponto central para se compreender esse fenômeno é o processo de autoexploração voluntária — e a conseqüente dificuldade em se criar solidariedade e camaradagem, tornando quase impossível uma resistência à ditadura do capitalismo. E a situação pode piorar ainda mais, graças às tecnologias cerebrais imanentes conectadas à World Wide Web, à realidade virtual e à Internet de Todas as Coisas. O statisticon vai provocar uma espécie de absorção do cérebro, em que nossos pensamentos e as ondas cerebrais serão aproveitados em novas formas de aceleração do trabalho — ou, como disse Bill Gates, “o trabalho na velocidade do pensamento”.

Precisamos urgentemente nos conscientizar sobre essa ameaça e criar meios para fazer frente a um possível abuso cognitivo. Os artistas devem estar na vanguarda dessa luta pelo futuro do futuro. A arte, como forma de hackeamento mental, pode ser uma rota de fuga para esse desastre iminente — se tivermos consciência e coragem para isso!



4. Em definição ampla, a inteligência humana — ou seja, o conjunto de habilidades interligadas, como o raciocínio lógico, o planejamento, a resolução de problemas e o pensamento abstrato — não é algo restrito ao cérebro. A inteligência se distribui, se estende e se implementa pelo corpo e por uma série de técnicas e formações sociais externas e dinâmicas embutidas em diversas redes culturais, sociais, econômicas e políticas. À medida que evoluem as relações externas, materiais e imateriais, as condições materiais internas do cérebro também se alteram. Bernard Stiegler nomeou esse fenômeno de “epifilogênese”, algo que ocorre em função da plasticidade neural e da epigenética. É o processo pelo qual as técnicas e os instrumentos se interiorizam e se misturam com a materialidade do cérebro, modificando-a. As características técnicas se inscrevem e se recodificam em modelos análogos a elas gravados na mutável arquitetura neural — um processo tanto intra quanto transgeracional. De acordo com Daniel Lord Smail, invenções como o fogo, as pontas para lanças, as cerimônias para adornar os mortos e a migração em massa foram fatores determinantes na produção de alterações morfogênicas concomitantes no cérebro ao longo dos últimos dois milhões de anos, levando a um aumento dos lobos frontal e temporal. São processos que ainda hoje estão em andamento!

5. O poder da arte está em sua capacidade de desestabilizar a forma e a função projetadas para atuar no campo existencial da experiência sensível vivida, que é inseparável da dimensão política. E está, ainda, na desconstrução e na reformatação da arquitetura mutável do cérebro que essa desestabilização provoca. Uma analogia possível seria a passagem do “zoé”, de Giorgio Agamben, em uma forma especializada de “bios”. Ou seja, a transformação do *zoé neural* em um *bios neural*, ou o cérebro material politizado (também qualificado como xenomaterialista e alternativo) que constitui e é constituído pelo ambiente de dados tecnolinguísticos em permanente evolução.

6. No capitalismo cognitivo, o cérebro e a mente são as novas fábricas do século

21; o intelecto é sua principal fonte de riqueza. O intelecto geral não se encontra mais nas máquinas e no conhecimento científico, mas integra, agora, a componente viva do trabalho. Não aquela que já está cristalizada, mas a que está por vir. O corpo performático — seja o dançarino, seja o violoncelista — não tem de simplesmente tocar uma partitura: pode inventar uma. Essa é a verdadeira definição de virtuosismo. Será esse rejuvenescimento periódico da imagem do pensamento e de sua expressão a nossa esperança de futuro?

Há não muito tempo, o feminismo, o pós-colonialismo e o conceitualismo criaram as heterotopias discursivas e linguísticas que reconfiguraram as relações materiais sociais e semióticas da “partilha do sensível” — para usar expressão de Jacques Rancière — pós-moderna e pós-humana. Um exemplo desse processo é o que Laura Mulvey chamou de feminismo de vanguarda no cinema, sobretudo em sua fase inicial, na década de 1960. Seus filmes, produtos do movimento feminista, são uma reação contra a obliteração do feminino por parte da tradição patriarcal. São, assim, uma contrainsurgência que funda uma nova linguagem, chamada contra-cinema. Naquele período de pós-modernidade e pós-estruturalismo, a nova linguagem ultrapassou as fronteiras da produção de nicho e alcançou os domínios da grande produção cultural, distanciando-se e rompendo com a onipresente partilha do sensível do patriarcado e com o *habitus* semiótico do semiocapitalismo.

A *partilha do sensível* não é apenas uma condição do cérebro extracraniano (a produção transgeracional das relações sociopolítico-culturais), mas também própria ao cérebro intracraniano. O crânio é o osso que circunda e abriga o cérebro, constituindo-se de uma superfície superior e outra inferior. Transformações nas relações em rede da paisagem real, imaginária e virtual que se opõem ao semiocapitalismo geram mudanças análogas no cérebro. Conseqüentemente, também são afetadas as memórias produzidas mentalmente, um processo para o qual texto e imagem são a principal moeda. Mente e consciência são metafenômenos que emergem das relações dinâmicas do corpo situado, que atua como agente intra-articulador, uma interface do complexo formado pelos cérebros intra e



extracraniano.

O poder da arte está em sua capacidade de desregular e redistribuir o sensível, agora em rede, além de causar mutações análogas e concomitantes na configuração da rede neural do cérebro.

7. O ser humano é o único animal capaz de mudar seu meio apenas para, explicitamente, mudar seu próprio cérebro. O cérebro extracraniano é um disputado campo de batalha onde atuam diferentes ideologias. Hoje, esse meio é a um só tempo estático e dinâmico, e existe simultaneamente em muitas plataformas, do suporte impresso à realidade virtual. Ele não é simplesmente o hardware do espaço físico construído, mas os espaços sociais e performativos de falar, cantar, dançar e escrever — a prosa conceitual poética e experimental que compõe os rigorosos e heterodoxos contraesquemas à economia de precarização, atribuição de valor e financeirização.

8. A intrincada relação entre o meio tecno-sociocultural e o cérebro tem relação com a origem e a composição das regularidades, repetições, partilhas e sincronicidades em todo o cérebro. Juntos, tais fatores concretizam, constroem e compõem o substrato biológico neural plástico. De um lado, governos reacionários tentam limitar a experiência cultural, promovendo ideias de essências imutáveis e cristalizadas, que reduzem o grau de complexidade do mundo. De outro, governos progressistas promovem a diversidade, em experiências heterodoxas e aleatórias.

Domínios conservadores geram sujeitos neurotípicos, facilmente governados. O esvaziamento dos investimentos em educação artística nos Estados Unidos e em outros lugares (em favor de uma educação mais técnica, como o currículo “Science, Technology, Engineering and Math”, ou Ciências, Tecnologia, Engenharia e Matemática, em português) é resultado desse desejo pelo neurotípico. A educação artística é vista como uma força contrária às relações de poder assimétricas e

culturalmente determinadas, geradas pelos regimes conservadores.

A neuroestética ativista compreende os efeitos da produção de arte no cérebro material e, por isso, se alinha com abordagens progressivas, celebrando a neurodiversidade (incluindo o autismo e o déficit de atenção), em lugar de a limitar.

9. A neurociência e a neuroestética positivistas se associam ao capitalismo neural neoliberal em um domínio conservador. A neuroestética positivista, linha predominante no Reino Unido, está ligada — e tem o apoio — ao Wellcome Trust de Londres. Para eles, a arte é um conjunto de essências imutáveis que podem ser usadas como experimento para produzir conhecimentos neurocientíficos (não artísticos), incorporados ao vasto universo científico, com suas próprias regras e ideias definitivas sobre verdade — regras, estas, não condizentes com os métodos artísticos, que não requerem revisão por pares ou resultados reproduzíveis e verificáveis por análise estatística. Essa compreensão sobre a arte desconsidera situações liminares e minimiza o papel do inconsciente.

O que a neuroestética positivista ignora são as intenções do artista como agente provocador de *devires* sociais, políticos, econômicos ou culturais que fornecem o contexto da produção das obras — como ocorre, por exemplo, no Construtivismo russo e na Agitprop. A neuroestética positivista considera desimportante a noção de obra de arte como reação a movimentos artísticos anteriores com que ela se alinha histórica e conceitualmente. Uma máquina de ressonância magnética não é capaz de explicar a habilidade da arte em se realizar como ideia, por meio de trabalho imaterial. O discurso da neuroestética positivista sobre arte é desprovido de uma linguagem que dê conta de casos como as obras do Fluxus, que incorporam contingência e imprevisibilidade. Uma única obra de arte, como a *Fontaine*, de Marcel Duchamps (1917), ou *Tirage*, de Niki de Saint Phalle (1961), pode alterar a história da arte e as verdades que ela produz sem precisar se preocupar se os fatos são "verdadeiros" ou "falsos" — ou ilusórios, no sentido científico. A neuroestética positivista nega a importância da emergência do novo. Ela tenta reduzir a magia da



arte e sua imprecisão, em uma tentativa capitalista de codificar e mercantilizar o que ainda não foi codificado e mercantilizado, a fim de reviver uma atitude contestatória da arte.

Juntamente com o consumismo neural e a neuroeconomia, a neuroestética positivista contribui para a produção de um *cognitariat* melhorado, um trabalhador digital de plataformas virtuais conectadas pela World Wide Web cuja função é extrair dados mentais. Uma das missões da neuroestética positivista é vincular a eficiência neural ao mercado digital, de forma semelhante à usada pelo modelo de produção taylorista para aumentar a mais-valia gerada no fordismo. A neuroestética positivista é parte integrante do aceleracionismo da direita descrito por Nick Land em *Fanged Noumena* (2011): o "caminho para o pensamento não passa mais por um aprofundamento da cognição humana, mas pela transformação da cognição em algo não humano, sua migração para dentro do repositório planetário de tecno-sencientes que está se formando, ou seja, para 'paisagens desumanizadas'".

De outro lado, a neuroestética ativista se envolve ativamente com o meio cultural, para instigar mudanças complexas na materialidade do cérebro. Como disse Victoria Pitts-Taylor na introdução de seu livro *The Brain's Body: Neuroscience and Corporeal Politics* (2016), "embora os textos científicos não o digam dessa maneira, o cérebro plástico e social também revela que a neurobiologia é política, isto é, capaz de realizar mudanças e transformações, e aberta às estruturas sociais, mas também a contestá-las." A neuroestética ativista está em sintonia com as ideias aceleracionistas de esquerda, para quem a economia partilhada prevalece em relação aos modelos pós-capitalistas e, então, reencena o trágico niilismo de Land como um cômico romance urbano envolvendo tecnologia.

No *Manifesto for an Accelerationist Politics* (2013), Nick Srnicek e Alex Williams argumentam que Land confunde "velocidade com aceleração" e ignora que "a aceleração também é uma questão de direção e sentido, um processo experimental de descoberta em um espaço universal de possibilidade." Poderia uma tecnologia acelerada, que propõe uma estética problemática e uma atmosfera ruidosa, estar à altura da tarefa de

desregulamentar a exploração e a restauração capitalistas?

Além disso, ao contrário de sua contraparte positivista, a neuroestética ativista não se baseia em critérios de funcionalidade, porque, ao contrário, seu propósito de base é explorar soluções (des)funcionais, a fim de descobrir e revelar novas paisagens paradigmáticas de alteridade. Dessa forma, a neuroestética ativista combina a variação do cérebro no momento do nascimento (com dendritos e axônios em diferentes potenciais de sintonização) com as variações culturais em permanente expansão no espaço e no tempo. A neuroestética ativista, portanto, se debruça sobre essa variação cultural e reforça sua convicção de que o poder político da arte e da cultura está em promover a diversidade neural que dela resulta.

10. A neuroestética ativista questiona que impacto sobre nosso senso de identidade e liberdade terão os neuroestimulantes, as novas tecnologias de interface cérebro-máquina (atualmente exploradas por empresas como o Facebook e a Neuralink) e a passagem de redes neurais artificiais a inteligência artificial. A neuroestética ativista não concorda com o envolvimento da neuroestética positivista com os elementos industriais/militares/mediados do capitalismo neural e suas inclinações totalitárias. Em outras palavras, a neuroestética ativista acredita que interfaces cérebro-máquina e tecnologias de manipulação de memórias, como a optogenética, não devem ser adotadas cegamente, mas cuidadosamente avaliadas. Elas não estão sendo inventadas necessariamente para ajudar a humanidade ou para curar doenças, como noticiado pela grande mídia. Ao contrário, formam uma fachada que encobre um plano diabólico em direção a um futuro de subjetivação e aprimoramento neural. Financiadas pela Darpa e pela Google, essas tecnologias constituem a infraestrutura do capitalismo neural, uma gama de tecnologias e interfaces neurais (a Big Pharma, as interfaces cérebro-máquina e a optogenética, os ambientes virtuais, a Internet de Todas as Coisas e o Deep AI, ligados a sites como o Facebook) que submetem o caráter somático e afetivo do cérebro a sua complexa rede metabólica.

Os artistas são especialistas visuais e sonoros cujo conhecimento dirige a maquinaria



criativa da economia mediada do conhecimento. É, portanto, nossa responsabilidade instruir as massas sobre as contingências dessa nova realidade que se aproxima e formar mecanismos de resistência. Temos o poder de modificar essa realidade e a mentalidade que ela está produzindo. Em suma, não temos que viver em um mundo *Black Mirror*.

11. A promessa utópica da arte não será realizada pensando no mercado. A neuroestética ativista demanda que as práticas artísticas rejeitem sua relação com o mercado de arte neoliberal. Tratadas como mercadorias líquidas, com ênfase em sua fungibilidade econômica e no valor de troca no mercado global, as obras de arte se tornam inerentemente fetichizadas e lugar-comum. A neuroestética ativista, por outro lado, convoca os praticantes de arte a se envolver diretamente com o meio cultural para modificá-lo, na esperança de que tais ações coordenadas transformem indiretamente as condições do cérebro material. A neuroestética ativista é contra a obra de arte de marca, usada como significante para atrair a atenção de colecionadores. Em vez disso, o movimento valoriza a diversidade, em realizações artísticas que dificilmente são reconhecidas ou atribuídas a marcas específicas; e promove obras que abalem o ecossistema do mercado capitalista de arte. O valor cultural transcende o valor de mercado! Artistas-empresários que trabalham para o sistema renunciam ao maior recurso de um artista: o de ativar e engajar a plasticidade neural do cérebro para aumentar sua diversidade neural e a expressão da diferença e, assim, promover seu devir material.

12. A neuroestética ativista entende que, para ter valor e relevância como ética emancipatória, um fator fundamental é nossa capacidade de, consciente e diretamente, afetar nosso meio — e sua complexidade de relações em permanente transformação — por meio de intervenções artísticas. Ao reoperacionalizar e desnaturalizar o meio, indiretamente fazemos o mesmo com nossos cérebros materiais, graças à ativação de seu potencial plástico neural.

Chamo a isso de ativismo cognitivo, a base de uma neuroestética ativista que resiste às

novas formas de subjugação do capitalismo neural. A neuroestética ativista é mais do que simplesmente uma resposta estética, mas também uma forma de reengenharia do significado de estética como conceito filosófico. Como tal, ela organiza proativamente uma contra-hegemonia, resistindo às táticas da economia neural, que tenta privatizar e normalizar o comum neural e, conseqüentemente, o livre pensamento.